

## A VISITA DA FOLIA DE REIS

José Antônio de Ávila SACRAMENTO

O sol ia caindo e a noite já vinha subindo... lentamente. Início d'um mês de janeiro, lá pelo finalzinho dos idos da década de 1960. Fazia aquele calor modorrento que os nossos verões sempre trazem. Estava com meu pai e minha mãe; as irmãs estavam para São João d'EI-Rey/MG, acho que na casa da vó *Siá Donana e do ti 'Mário*; eu estava em férias do *Grupo da Celeste Banho*<sup>1</sup>. A Fazenda, aos poucos, ia sendo tomada pelo aconchego triste da noite, ninada pelos grilos e sapos, embalada pelas chamas bruxuleantes das fracas e fumacentas lamparinas de querosene.

Relembro, agora, de meus tempos de criança e da vida naquela *velha* Fazenda da Congonha<sup>2</sup>, onde nasci, lá pelas *bandas* de São Miguel do Cajuru<sup>3</sup>, lugar onde o meu *mundo* era grande demais para eu me preocupar em saber onde ficavam Rio de Janeiro e São Paulo, quem diria, então, Londres ou Paris. A Terra era, para mim, então, pequena demais: resumia-se num velho mapa-múndi, que vivia dependurado na parede da sala; o Mundo era simples de ser percorrido, quando quisesse, pela ponta dos meus dedos! Lembro-me daquela *civilização* da roça cajuruense, com

<sup>(1)</sup> Grupo Escolar Inácio Passos, situado no Bairro do Bonfim, na cidade de São João d'EI-Rey/MG, cuja primeira diretora foi Celeste Maria da Fonseca Banho, pessoa da relação familiar do autor e de tradicional família da cidade.

<sup>(2)</sup> A sede da Fazenda distava cerca de uma légua da sede do distrito de São Miguel do Cajuru, foi caprichosamente construída na primeira metade do séc. XX e, infelizmente, demolida em 1994.

<sup>(3)</sup> Distrito são-joanense, atualmente com o indevido nome de Arcângelo (desde 1943), num exemplo de *criminosa* agressão à sua toponímia original, mais que bi-secular (de antes de 1745), que deveria ser intocável.

seu anoitecer coaxante de sapos, o som da água caindo na bica, piscar de vaga-lumes e sombras da lamparina, com as quais eu brincava criando *bicho e monstros* terríveis com a sombra da mão projetada na parede, ignorando ainda a necessidade da invenção de Edison<sup>4</sup>; um radinho que já tinha lembrado a hora do Angelus, com as pilhas um tanto gastas, terminava de tocar *Moreninha linda, do meu bem querer...* para transmitir, solenemente, a Hora do Brasil: *Em Brasília, dezenove horas...*

De repente, o silêncio foi quebrado e ouviu-se um barulho. O cachorro, *Nero*, muito agitado, deu sinal. De longe, mas não tão longe assim, pois o lugar era onde minhas vistas alcançavam, surgia de dentro da boca da noite os vultos de quase uma dezena de *andarilhos* com roupas brancas, pés no chão, chapéus enfeitados de espelhos, faixas na cintura. Das roupas, dos chapéus de todos eles, e também dos instrumentos, pendiam esvoaçantes fitas coloridas; terços pendurados nos pescoços, guias cruzadas pelos peitos e cordões enfeitando os instrumentos musicais, tudo feito daquelas Contas de Lágrimas<sup>5</sup> que, até hoje, ainda é possível colher em nossos brejos.

Bandeira... Caixa... Triângulo, pandeiro, viola e sanfona<sup>6</sup>... melodia agradável, ritmo assim meio festivo e de marcha compassada.

---

<sup>(4)</sup> Referência à lâmpada incandescente inventada em 1878 pelo físico norte-americano Thomas Alva **Edison**.

<sup>(5)</sup> Contas-de-lágrimas: planta da família das gramíneas; nome científico: *Coix lacrima*. É conhecida também popularmente pelos nomes Biurá, Lágrima-de-Nossa-Senhora, Lágrima de Santa Maria, Lágrima-de-Jó, Contas de Nossa Senhora, Capim-Rosário, Capim-miçanga, Capim de contas, Capiá e na Guiana Francesa por Larme de Job. Tem valor terapêutico: a tintura das sementes é diurética e emoliente, útil nas afecções catarrais; é empregada também, em fricções, contra o reumatismo. Fonte: BALBACH, Alfons. A flora nacional na medicina doméstica. São Paulo: A Edificação do lar, Is.d.I, v. 2, p. 690. Uma lenda de nossa região conta que quando Nossa Senhora andava pelo mundo chorando a falta que sentia de seu Filho, morto na cruz, cada lágrima que ela vertia fazia nascer um pé do referido capim, daí... de lágrimas!

<sup>(6)</sup> Na antiga fazenda da Boa Mente, em São João d'El-Rey – do início e até meados do séc. XX – segundo informações orais da família do autor, as Folias passavam, anualmente, e se apresentavam portando também um instrumento chamado de Rabeca ou Rebeca, que era uma espécie antiga de violino de três cordas que se tocava friccionando-as com um pequeno arco. Hoje o instrumento é raro.

Aquilo era uma novidade tamanha para meus pequeninos sentidos acostumados à rotina de simples menino da roça. Vinham em fila indiana pelas trilhas lá dos lados do Ribeirão do Chaves ou do Rio do Peixe; passaram pela ponte Córrego do Aterrado, vieram subindo, transpuseram a tronqueira de arame e atravessaram o rego que levava água para a bica, certamente vindos de bem longe, rumo de nós:

*Deus te salve ô Casa Santa, ai, ai...*

*Onde Deus fez a morada, ai, ai, oi... ai...*

- *Que é que é isso? Meu Deus, valha-me Nossa Senhora Aparecida e São Miguel!*, assustou-se a minha mãe. O meu pai, meio que esbravejando, tentava acalmar:

- *Folia de Reis, gente, será possível que ocê num conhece isso?*

- *Conheço sim, mais assustei. Há muito tempo que num tem passado por aqui!*, respondeu minha mãe.

Nesse meio tempo eu já estava escondido debaixo da cama, coração disparado, com o travesseiro escondendo o rosto, morrendo de medo daqueles homens esquisitos.

- *Vem cá sô Izé, vem cá minino, procê vê os home!*

Meio tremendo de medo, obedeci a meu pai, mas fiquei de *meia-jota*<sup>7</sup>, na porta, para qualquer eventualidade.

- *Prá que é que serve isso? Tem até um mascarado<sup>8</sup> no meio, ai ai ai...*, murmurei baixinho, soluçando e amedrontado, já arrependido de ter matado aquele bem-te-vi lá na parreira; presumia que aquele episódio era o castigo pelo meu cruel passarcídio: Foi sem querer...desculpa! vou

<sup>(7)</sup> Expressão usada em regiões rurais da nossa região. Quer dizer quando a pessoa, ressabiada, não se apresenta inteira à porta ou janela; fica com o corpo escondido e mostra apenas a metade do rosto para ver o que está acontecendo, ficando a outra encoberta pelo portal.

<sup>(8)</sup> Bastião (palhaço da Folia): personagem mascarado, comum às Folias, que se apresenta dançando e/ou recitando versos acompanhado pela Catirina – homem travestido – também mascarada, que fazia o papel de “mulher” do Palhaço.

aposentar o meu bodoque, meu Deus; prometo que vou queimá-lo amanhã bem cedinho! Também não vou armar mais arapuca para pegar pomba-róla... confessava, penitenciando-me silenciosamente.

- *Ô de casa! ô de dentro! boas noites. É a visita de Reis, anceis aceita receber de bom grado a bandeira e a nossa Folia?*, gritou um deles, ainda lá do lado de fora da velha porteira de vara.

- *Ai pai, não pai, num deixa não. Ai, meu Deus!* clamei, meio que inconscientemente.

- *Deixa de bobagem, minino... êta sô Izé medroso! Ocêis pode chegar prá cá! Pode entrá pessoal*, decidiu meu pai, já descendo da soleira para o terreiro.

Abriam a porteira, a tramela da cancela de madeira, desceram pelo terreiro até a soleira da porta da sala. Entregaram a bandeira ao meu pai; ele a reverenciou, passando-a para a minha mãe beijar e tomar conta; formaram um semicírculo, tocaram e cantaram, obedecendo aos comandos *d'um apito*, na boca daquele que parecia ser o *chefe* do grupo. Um cantava mais forte e os outros davam o responsório, sempre terminado em lamentosos *ais*. Depois adentraram na sala e cantaram diante do presépio, armado num canto, dentro de uma singela réplica da gruta da natividade, feita da casca de uma cuia, quebrada ao meio, enfeitada com respingos de cera de vela derretida, à guisa de neve. A bandeira, como de costume, foi apresentada a todos os cômodos da casa. Enquanto isso, cantavam e tocavam mais...

Justificaram depois as suas missões, proseando, falando alto, já na nossa cozinha:

- *É as graças que nós recebemos, aí pagamos por elas com a Festa de Reis e do Divino. Vamos de casa em casa. Pedimos ajuda e Dia de Reis, benz 'ô Deus, entregamo a nossa bandeira. Ano entra, ano sai, entra os janêro, sai os janêro e é sempre assim. É a prática da nossa sabença!*, explicou um preto simpático, já sem o seu chapéu, pelejando para acender o seu pito de palha num tição do fogão, assustando a uma

gatinha sonolenta que, aproveitando o calor, dormitava ali no “rabo” do fogão. Prosearam sobre assuntos diversos: empreitadas, festas, roças de milho e o *João-do-mato*... se o ano ia ser bom de chuva, se o gado ‘stava sadio e se as vacas eram boas produtoras de leite; sobre as qualidades dos pastos de capim-gordura e de jaraguá; discutiam também sobre o preço da arroba do gado de corte, preço dos queijos e ainda sobre a Copa do Mundo de 70, onde um *tale de Sardanha* (João Saldanha) estava montando um *timaço*!... esse assunto, futebol, meu pai apreciava e dominava muito!

Percebendo o meu temor, principalmente do mascarado, o tocador de sanfona, já de cócoras num cantinho, ofertou-me umas duas balas, já meio meladas e quentes do calor de seu bolso e falou:

*- Precisa ficá com medo não minino! Ele dança, balançando a bandeira, junto com a mulher. É o Bastião e a Catirina e sem eles a Folia num tem graça não... Eles num faz nenhum mal a ninguém não, mode ocê pode ficar assossegado.* Fui ambientando aos poucos... enfiei as balas na boca; o susto ia passando e já me alegrava um pouco, mais pela absoluta desnecessidade de aposentar o meu bodoque e a arapuça, como havia prometido. Aquilo já não parecia ser o prenúncio de um castigo, como imaginara.

E cantaram mais. Lançavam os seus lamentos no ar, embebedos numa devoção que era principalmente deles, fazendo a obrigação do louvor e o prazer de uma festa que se tornava de todos. Parece que sentiam ali, naquele momento, a presença de um Ser invisível, transcendente, e que todo aquele clamor, enfim, chegaria aos céus e retomaria a terra em forma de graça, sobre todos nós.

Quando já estava me acostumando e até achando aquilo bem bonito, minha mãe ameaçou a começar o preparo do jantar, no que foi interrompida:

*- Agradicido Dona! Nós hoje só vai jantá mais prá frente... entonce num percisa da sinhora se preocupá não. É a mesma coisa qui nós tivesse jantado. Deus te ajude!*

Tomaram café com leite, queijo e *quitandas*<sup>9</sup>. Comeram arroz-doce. Agradeceram cantando. Cantando dispensaram o pouso oferecido. Ganharam algum dinheirinho, um frango, dois queijos e pedaços de fumo de rolo; fizeram, de uma *embira*<sup>10</sup> que estava pendurada num prego, a *peia*<sup>11</sup> para o frango, enrolaram alguns cigarros, puseram coisas num embornal e partiram, alegando que ainda, naquela noite, iam a mais duas ou três fazendas. Agradeceram pelas ofertas. Cantaram pedindo a bandeira de volta. Falaram que iam pousar lá pelos lados da Vendinha<sup>12</sup>, beira do Corredor-Real, na fazenda d'um tal de Só Quincas de Ávila<sup>13</sup>.

<sup>(9)</sup> Quitanda: biscoitos e broas caseiros, assados nos tradicionais fornos a lenha; eram guardados em latas com tampa bem fechada para manterem-se bem conservadas, sequinhas, e servidas diariamente aos da casa ou visitas na hora do café (biscoito de fubá, de polvilho, broa, rosquinhas...). É mister lembrar que nas casas tradicionais da região rural mineira, até hoje, é considerado desfeita ao dono a visita sair sem tomar o café ofertado, nem que seja um *café de mão-na-escadeira* (café puro, sem acompanhamento de quitandas).

<sup>(10)</sup> Do tupi *e'bira*. Fibra retirada da casca de arbusto do gênero *Daphnopsis*, da família das tmeleáceas (***Daphnopsis brasiliensis*** e ***Daphnopsis sellowiana***). Usada na amarração de pequenas coisas e era muito útil na roça; substituía, com méritos, o barbante.

<sup>(11)</sup> Dispositivo (geralmente feito de embira) que, atado aos pés das aves, servia para limitar os seus movimentos.

<sup>(12)</sup> Vendinha é o local do município onde, segundo a tradição oral, no auge da movimentação de tropeiros pelo Corredor-Real, existia um pouso de tropeiros e rancho para a tropa. Comercia-se ali alguns víveres, alimentos e arreios para os animais e, certamente, pouso e boa pinga, daí o nome que é cultivado até hoje. Corredor-Real: denominação antiga da Estrada Real ou Caminho Real; atualmente está sendo discutida e planejada a sua reativação com fins turísticos, nos moldes da mística Trilha de Santiago de Compostela (Espanha).

<sup>(13)</sup> Referência ao *coronel* Joaquim José de Ávila, natural de São Miguel do Cajuru, tradicional chefe político da região, falecido em 1971. Possuía olhar altivo, passos firmes que faziam tremer o assoalho da sala, andava portando rica bengala entalhada em madeira e encastoadas. Cultivava um vasto bigode branco, enrolando-o cuidadosamente com as pontas dos dedos; eu o chamava de "Ti" Quinca", por ser tio de meu pai. Teve grande influência na política partidária rural da região. Era amável, sorridente e incapaz de negar aos pedidos dos muitos afilhados e correligionários. Era latifundiário, mas morreu sozinho e pobre; sua despesa hospitalar, seu enterro, foram pagos pelo fiel amigo Tancredo Neves. A casa onde viveu ainda existe na sede do Distrito; há no assoalho um *alçapão*, quase imperceptível, que dá saída para o porão. Ali, sob o assoalho, ele escondia seus protegidos e também ele para lá também descia quando não queria ou não convinha aparecer para certas visitas; quando a situação era mais grave, por medida de segurança, pedia a uma nêga para derramar sobre a entrada do *alçapão* uma meia saca de feijão, camuflando-o, e ordenava para que ela ficasse ali, ingenuamente, com uma peneira, como tivesse a catar a terra dos grãos feculosos, até findar o "perigo".

- *Folieiro, nesses dias, dorme muito pouco... andamo até as altas madrugada!*, falou um deles, justificando.

As vozes e o som dos instrumentos foram sumindo aos poucos, absorvidos pelo breu da noite, misturados a uma fina garoa. Naquela noite demorei muito a pegar no sono. Na alta madrugada sonhei com a cantoria:

*Pai, Filho e Esp'rito Santo ai, ai...  
E nas hora de Deus amém ai, ai..  
Abençoa a nobre morada ai,oi, ai  
E vocês vai ficano tudo com Deus  
Qui com Deus nós tamém vai, ai, ai...  
Os Rei já cantaro o nascimento ai, ai...  
De Jesus Cristo em Belém ai, oi, ai..*

Foi assim que eles se despediram de nós.

Naquela época foram aqueles artistas e hoje são outros deles que permitem que os ritos coletivos sejam reprojutados em espaço público, criando um maravilhosos processo de ressignificação do motivo original; os folieiros, ao que me parecem, são belas expressões anônimas da metarmofose de um catolicismo arcaico e puro; seus fundamentos religiosos, infelizmente, ainda são ignorados pela maioria dos espectadores, que observam apenas o espetáculo sem deles participarem. Mas, se notarmos bem, há um forte circuito de sociabilidade e reciprocidade em que a religião, vivamente, transborda para a vida social; com seus enredos particulares e gestos políticos, da dimensão do sagrado, permitem-nos uma bela e profunda releitura de seus autos populares.

Hoje, longe da roça, na agitação da cidade, a invasão dos *pornó-sambas*<sup>14</sup>, dos falsos caipiras e dos chiques pagodeiros, engratados, não conseguem me impedir de ouví-los e nem me impedem de pensá-los; aqueles cantores, realmente populares, eram verdadeiros artistas e não gravaram discos; estavam longe das imagens midiáticas e,

<sup>(14)</sup> Sambas como os da "dança da garrafa", da "bundinha", "tchan" ... bastante em evidência atualmente.

até hoje, outros deles, a qualquer custo, não permitem que a tradição religiosa e folclórica pereça. São humildes como as silicosas flores-do-campo, mas pensam e vivem no seu mundo, no nosso mundo e em todo o Mundo; também enchem de luz a vida daqueles que os escutam. São esses foliões, valentes, valorosos e quase sem recolhimento, eminentemente autênticos como aqueles de outrora, que hoje, ao tocarem e cantarem as suas músicas, ainda me fazem chorar!

**Só que hoje eu não choro mais de medo... só de saudade.**